

PRÊMIO FNLIJ 2016
PRODUÇÃO 2015
Justificativa dos votantes

**FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL
SEÇÃO BRASILEIRA DO IBBY**



FNLIJ
DESDE 1968

www.fnlij.org.br

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Prêmio FNLIJ 2016

Produção 2015

Justificativas dos leitores-votantes



FNLIJ

DESDE 1968

LEITORES-VOTANTES DO PRÊMIO FNLIJ 2016 –
PRODUÇÃO 2015

BRASÍLIA

Cristiane de Salles Moreira dos Santos (CS)

GOIÁS

Maria das Graças M. Castro (MC)

MARANHÃO

Maria Tereza Bom-Fim Pereira
Rosa Maria Ferreira Lima (RL)

MINAS GERAIS

CEALE – Grupo de Pesquisa LIJ – UFMG
Responsável: Carlos Augusto Novais (GPELL)
Fabíola Ribeiro Farias (FF)

PARÁ

Luiz Percival Leme Britto (LP)

PARANÁ

Alice Áurea Penteado Martha (AM)

PARAÍBA

Neide Medeiros Santos (NS)

RIO DE JANEIRO

Elizabeth D'Angelo Serra
Iraídes Maria Pereira Coelho
Laura Sandroni
Leonor Werneck dos Santos (LWS)
Maria Teresa Gonçalves Pereira (MGP)
Marisa Borba (MB)
Patrícia Corsino (PC)

RIO GRANDE DO SUL

Regina Zilberman (RZ)
Vera Teixeira de Aguiar (VA)

SANTA CATARINA

Eliane Debus (ED)
Sueli de Souza Cagneti (SC)
Tânia Piacentini (TP)

SÃO PAULO

Gláucia Maria Mollo
João Luis Cardoso Tâpias Ceccantini (JC)

APRESENTAÇÃO

Há 48 anos a FNLIJ realiza a Seleção Anual do Prêmio FNLIJ agraciando obras de literatura direcionadas a crianças e jovens e livros teóricos sobre LIJ. A primeira obra a ser contemplada foi o livro O rei de quase tudo, de Eliardo França, na categoria Criança, em 1974.

Este ano de 2016, foram premiados 21 livros, referente ao Prêmio FNLIJ de 2015, 24 categorias, contemplando 11 editoras. Os livros analisados, enviados pelas editoras à FNLIJ, foram produzidos no país e publicados no ano vigente do prêmio, totalizando 815 títulos inscritos, em 2015. Nesta publicação apresentamos as justificativas dos leitores-votantes para a 42ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2016 – Produção 2015, por categoria, de acordo com o ano de criação de cada uma.

Esperamos com esta pequena publicação, contribuir para o trabalho de profissionais da área de leitura, literatura e formação de leitores, além de divulgar os livros vencedores do Prêmio FNLIJ 2016 – Produção 2015.

A versão digital se encontra no site www.fnlij.org.br

Registramos nossos agradecimentos aos editores que enviaram 5(cinco) exemplares de cada título para a FNLIJ e aqueles que atendem a nossa solicitação enviando 1(um) exemplar de cada diretamente para a casa dos leitores votantes.

Também nosso agradecimento especial aos leitores votantes que trabalham como colaboradores sem receber remuneração pelo trabalho de leitura durante 8 meses qualificando com seus currículos o Prêmio FNLIJ.

Elizabeth D'Angelo Serra
SECRETÁRIA GERAL DA FNLIJ



PRÊMIO FNLIJ OFÉLIA FONTES
O MELHOR LIVRO PARA A CRIANÇA
HORS-CONCOURS

Inês

Roger Mello. Il. Mariana Massarani.
Companhia das Letrinhas

Desde criança ouço o ditado, a Inês é morta, para quando a situação está irremediavelmente perdida. No entanto nunca soube de onde vinha a expressão e o por quê dela existir. Lendo este pequeno relato de um amor impossível que foi penalizado com a morte de um dos amados, Roger e Mariana nos brindam com uma linda história e poeticamente me explica a expressão, que há muito me acompanha. O livro é muito bem produzido e traz os traços humorados e inconfundíveis de Mariana Massarani. **MC**

Inês, o novo livro para crianças do autor Roger Mello, com ilustrações de Mariana Massarani, traz a história de Inês de Castro (nascida entre 1320 e 1325). Vinda de Portugal como ama da futura rainha Constança, apaixonou-se (e foi correspondida) pelo príncipe Pedro. Desse grande amor vivido às escondidas, nasceram quatro filhos. E mesmo com a morte de Constança, Pedro e Inês não puderam oficializar sua união.

Beatriz, a narradora da história, é uma das filhas de Pedro e Inês. Pensamentos sobre seus pais vêm à sua cabeça desde quando “ainda não era uma vez”.

Por um acordo de paz e guerra entre o rei de Castela e Portugal, Pedro se casa com Constança, mesmo amando Inês.

Roger Mello exhibe todo seu cuidado, seu respeito pela fantasia. “Ouvi dizer que era com ela que ele estava”, fala Beatriz ao saber da morte de Constança;

Depois desse episódio, D. Afonso mandou “levarem Inês para bem longe, pra torre de um castelo, em Castela, no alto de uma escarpa”.

Inês e Pedro foram viver nas margens do Mondego, onde mais tarde seria a Quinta das Lágrimas.

O autor nos contagia com suas palavras. Inevitavelmente somos levados a outros amores impossíveis, a palavras de outros autores como Camões ou Bocage.

Até mesmo Shakespeare. Pois ninguém queria que Pedro visse Inês nunca mais. Porém, Beatriz retruca:

–“Só eu e meus irmãos ou não teríamos nascido. Agora sim eu era uma vez”.

Assim flui a narrativa: fantasia e realidade.

Beatriz sente medo e esconde um passarinho na mão e ao encontrar a mãe perto da fonte, o passarinho lhe escapa.

–“Agora Inês é morta”.

Mas Pedro queria ver Inês e manda desenterrá-la.

“E todos vieram a tempo de ver a rainha morta ser coroada

Todos vieram beijar a mão da rainha morta”.

Mariana Massarani com seu traço firme, suas cores suaves e contornos nítidos, imprime um tom de leveza e ludicidade ao texto. A alternância de imagens, que ocupam páginas inteiras, com outras que iluminam singelamente os textos propiciará, com certeza, uma outra leitura, outra viagem no tempo e espaço. Destaca-se a ocupação espacial, o modo com a ilustradora expressa sentimentos dos personagens, como, por exemplo, quando “o cavalo de Pedro sorriu para o capim” ou algumas situações como a morte de Inês ou a sua coroação.

O cuidado com a produção do objeto-livro, o texto primoroso e delicado, aliado à fruição estética propiciada pelas ilustrações, fazem de Inês merecedor do Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes – O melhor livro para a criança de 2016. **MB**

No livro Inês, Roger Mello e Mariana Massarani tematizam a história de amor de Dom Pedro I e Inês de Castro, com que ele teve quatro filhos fora do casamento. Assassinada em 1355, a mando de d. Afonso IV, após a morte do mesmo, Inês é trazida por D. Pedro I para Portugal, oficializando o casamento com a morta. Daí o ditado tantas vezes dito quando algo não acontece a contento: Inês é morta. Escrito de forma sensível, vamos conhecendo essa história de amor impossível pela voz de Beatriz, menina, filha de Inês, que indaga e revela ao leitor os fatos acontecidos. Uma narrativa entretecida de descobrires:

Uma carruagem veio de Castela

Trouxe Inês para ser ama da princesa Constança. Princesa Constança?

É esposa de eu pai.

Ah, sua mãe. Não, minha mãe era Inês.

Acompanha o relato narrativo um paratexto de Lilian Moritz Schwarcz que traz ao leitor informações do amor sem medida entre o d. Pedro I e a ama de sua esposa, rainha Constança.

O projeto gráfico do livro merece destaque pela gramatura do papel, capa dura e costura bem realizada. As ilustrações de Massarani, com tinta PVA e lápis 6B, são elaboradas de forma exitosa. **ED**

Inês, a nova obra de Roger Mello e Mariana Massarani, resgata a história da rainha Inês de Castro, coroada depois de morta, com uma poesia e uma ternura tamanhas, tocando-nos a todos, como toda obra verdadeiramente literária.

A narrativa carrega a força das muitas histórias de amor proibido e é apresentada pela voz da personagem Beatriz, filha de Inês e Pedro, que ainda por nascer, conduz o texto com franqueza e delicadeza tão próprias das crianças.

As ilustrações e o excelente projeto gráfico acompanham a ternura do texto verbal, corroborando seu tom poético.

Oxalá tivéssemos mais Rogers e Marianas para nos trazer à luz, com tanta sensibilidade, histórias tão bonitas como essa. **CS**



PRÊMIO FNLIJ OFÉLIA FONTES

O MELHOR LIVRO PARA A CRIANÇA

Lá e aqui

Carolina Moreyra. Il. Odilon Moraes. Pequena Zahar

Trata-se de uma obra que apresenta uma relação dialógica entre forma e conteúdo, projeto gráfico, ilustração e texto verbal. O formato do livro, a qualidade do papel, a delicadeza da ilustração e a maneira como vai ganhando camadas no decorrer do texto verbal, tudo isso se articula com harmonia a um tema abordado de forma criativa, inovadora e sensível. **PC**

O livro trata da delicada situação da criança que vive a separação dos pais. Ao apresentar a vida em comum e depois a vida em duas casas distintas, sempre usando o recurso do paralelismo verbal e visual, o texto passa ao leitor a ideia de que a felicidade familiar sempre pode ser recriada. Palavras e imagens vão se desdobrando ao longo da narrativa, de modo que a criança perceba que as mudanças não representam traumas, uma vez que a permanência dos sentimentos

se expressa na combinação sólida das linguagens verbal e visual, através do fio narrativo. **VA**

A casa da gente é sempre um espaço de referência e para a criança essa referência é, também, sua primeira experiência de interação com o mundo. O lar é um lugar repleto de símbolos e por isso é inevitável que cada recanto esteja associado a um sem-fim de sentidos e sentimentos. O livro *Lá e Aqui*, de Carolina Moreyra e Odilon Moraes, mostra com honestidade e delicadeza um momento em que a segurança oferecida a uma criança por um lar se desequilibra, estremece e muda de aspecto. A separação dos pais é uma ruptura também para a continuidade dessa relação da criança com seu espaço. Essa experiência é sempre carregada de dor, de questionamento e de insegurança. O que o livro oferece é precisamente a representação de uma esperança, uma possibilidade de reencontrar o equilíbrio na relação da criança com seu espaço e, mais importante, com seus pais. Onde cala a palavra escrita, entra a ilustração para compor o belo texto de Moreyra e Moraes. As imagens compostas de palavra e ilustração, repletas de metáforas, dão à narrativa profundidade. Não se discute nada em detalhe, mas se mostra cada detalhe. E assim, de imagem em imagem, a criança narradora conta as lembranças de um lar feliz, cheio de sapos, peixes e passarinhos; conta a forte tempestade que inundou esse lar; e conta, também, de como uma casa vira duas que trazem de volta a felicidade para todos. Palavra, ilustração e projeto gráfico – que traz um pequeno livro quadrado, de capa dura, fonte delicada, e páginas repletas de espaços em branco – unem-se para construir uma narrativa franca e profunda, uma história aparentemente simples, mas admirável em sua complexidade. **TP**

Texto verbal e visual enxutos, embora carregados de significados, contam a história de um lar que se desfaz. Com a casa afogada na tristeza, o menino que nela morava, vê peixinhos nos olhos marejados da mãe e sapos encharcados conduzindo os pés de seu pai para longe. A passagem da dor vivida pelos três personagens são sutilmente apontadas por imagens escuras e simbólicas de Odilon Moraes. Enfim, os sapos voltam ao lago e os peixinhos para o aquário, demonstrando que pai e mãe, cada qual já conquistou seu novo espaço, enquanto o menino... Bem, o menino, é preciso ter nas mãos essa lindura de livro para saber como ele aprendeu a lidar com sua nova história. **SC**



PRÊMIO FNLIJ ORÍGENES LESSA
O MELHOR LIVRO PARA JOVEM

Iluminuras: uma incrível viagem ao passado

Rosana Rios. Il. Thais Linhares. Lê

Fruto de pesquisas de vários anos, Rosana Rios mergulha no passado e apresenta uma narrativa envolvente que engloba fatos da história brasileira e traz revelações surpreendentes. É o encontro bem sucedido entre a ficção e a realidade.

Como protagonistas, vamos encontrar dois adolescentes que vivem em pleno século XXI, Martim e Clara, eles trazem à tona questões ligadas ao acervo histórico brasileiro e problemas afeitos à escravidão.

O livro é uma viagem ao passado, com fundamentação histórica. Na leitura, vamos descobrindo valores desconhecidos que nos levam a refletir sobre nossa própria história, muitas vezes esquecida e relegada. Formado por 10 capítulos, cada capítulo se inicia com uma iluminura.

Aventuras, narrativa histórica, reflexões filosóficas, curiosidades científicas, tudo isso está presente neste atraente livro que traz bonitas iluminuras com sabor antigo de Thais Linhares.

Na capa, o título do livro é motivado semanticamente. Cada letra presente no seu interior detalhes de uma mini iluminura. **NS**

A quantidade de páginas, a princípio pode afastar o jovem leitor, assíduo frequentador da internet e que tais, no entanto, o livro em questão envolve, com a sempre irresistível temática de confrontos entre espaço e tempo. Fatos reais misturados à ficção garantem o interesse e mantêm a curiosidade sobre o desvelamento de outras épocas e de suas características. O título *Iluminuras* desencadeia acontecimentos marcantes para a narrativa, sempre com a abertura dos capítulos com as tais ilustrações em “iluminuras”, representativas dessa arte na escrita. A intertextualidade que perpassa toda a obra contribui para informações de conhecimento de mundo do leitor, estabelecendo ligações entre presente e passado que sustentam a trama. Não se concebe que leitura para jovem gostar seja somente aquela que trata de seus interesses e gostos. Do seu

dia a dia. Um crédito à arte e à história deve ser concedido para uma formação cultural plena. *Iluminuras* preenche esse espaço a contento. **MGP**

Rosana Rios, autora de mais de 150 livros, com sua obra *Iluminuras*, conduz o leitor a uma verdadeira viagem no tempo. Pesquisas em museus de arte sacra, em mosteiros, em livros medievais iluminados, em livros sobre escravatura e também buscando informações sobre a possibilidade ou não de viagens ao passado e ao futuro fundamentam sua apaixonante narrativa. O texto ficcional construído de forma não linear, conta a história em dois tempos: fevereiro-abril de algum ano do século XXI e março a junho de 1795. Assim vão sendo trançados tempos, espaços e personagens.

Dez iluminuras, enterradas a quase 300 anos, são descobertas numa escavação arqueológica feita por pesquisadores de um museu. Elas revelarão o elo entre Clara, que gosta de livros de ficção científica e Martim que adora desenho e pintura. São dois adolescentes do Século XXI, ligados também a Frei Brás que viveu num mosteiro beneditino no Século XVIII e Akin, um escravo que tenta sobreviver refugiando-se num quilombo.

A escolha da ilustradora Thais Linhares, especialista em história e narrativa medieval, muito vem colaborar para a fruição estética dessa obra. Suas imagens iluminam o texto. A ilustradora surpreende o leitor a cada capítulo, com figuras delicadas, pintadas com cores vivas, ao redor das letras iniciais de cada texto e das capitulares. As modernas iluminuras de Thais Linhares envolvem desenhos expressivos, significativos e instigantes.

Por estas razões, o livro *Iluminuras*, de Rosana Rios, com ilustrações de Thais Linhares, da Editora Lê é merecedor do Prêmio FNLIJ Orígenes Lessa – O Melhor Livro para o Jovem de 2016. **MB**

O projeto gráfico deste livro dá o tom para o desenrolar da história dos jovens Clara e Martim, numa fantástica aventura no tempo e no espaço. As iluminuras de Thais Linhares, a gramatura do papel, o tom das páginas e das letras, tudo colabora para envolver o jovem leitor na história contada por Rosana Rios. Até mesmo o sumário em formato de acróstico nos leva a entrar no clima das iluminuras. Chama à atenção a diferença de temperamento entre Clara e Martim: ela gosta de ficção científica, enquanto ele prefere pintura e desenho. Juntos, vão se envolver com personagens do séc. XVIII – freis, freiras, escravos – num inacreditável enredo que mistura romance, mistério, intrigas e aventura. O livro

é resultado de pesquisas aprofundadas da autora em museus e livros para recriar cenários e temas que contextualizam o leitor. Os diálogos ágeis e os parágrafos curtos conferem leveza à narrativa. Trata-se, portanto, de obra criativa e instigante, que certamente interessará os jovens. **LWS**



PRÊMIO FNLIJ LUÍS JARDIM
O MELHOR LIVRO DE IMAGEM
HORS-CONCOURS

Haicais visuais
Nelson Cruz. Positivo

Com conjunto de poemas visuais, em algo que o autor nominou de Haicais visuais, Nelson Cruz nos arrebatou. E então *embarcamos numa boa viagem, com três gatos, o rei Kong, na hora da estrela, proporcionando um verdadeiro sonho, uma mensagem pra mim*. Uma obra prima. **MC**

O haikai, grosseiramente definido, é um poema de origem japonesa, com três versos e alguma referência à natureza. Em *Haicais visuais*, Nelson Cruz faz, em três imagens, três “versos” para oferecer aos leitores pequenos espantos – coisa que, no bom sentido, só os verdadeiros artistas conseguem fazer. Os pequenos títulos, que antecedem cada um dos seus haicais, são uma provocação à poesia das imagens. Em três palavras: sofisticado, bonito e inteligente. **FF**

Não é possível resumir toda a complexidade e riqueza do haikai numa definição precisa. A cada aproximação, descortina-se uma pluralidade de dimensões. Todavia, como ponto de partida, podemos dizer que o haikai é a expressão condensada e objetiva de sensações cotidianas e pessoais capturadas através de elementos da realidade, sem abstrações teóricas e rasgos de sentimentalismos. Neste sentido, sua composição reveste-se de grande importância. Abolindo comentários e explicações, o haikai se estrutura a partir da anotação de situações concretas que, justapostas, detonam associações contínuas de ideias, valorizando suas capacidades sugestivas. Tradicionalmente, no ocidente, ele se organiza, verbalmente, em um terceto. Temos, assim, uma primeira situação geral

(primeiro verso) que, associada a uma de natureza individual (segundo verso), provoca o lampejo poético sugerido pelo verso final. No caso do livro *Haicais Visuais*, de Nelson Cruz, a novidade está na apresentação dessas situações na forma de três imagens, uma em cada página, cada uma aludindo a uma das partes mencionadas. Em um formato quadrado, de dimensões mais generosas que o livro comum, suas imagens coloridas nos enlaçam em dez poemas visuais de alto teor poético. O título de cada um, por sua vez, auxilia na ampliação dos sentidos, num diálogo criativo e engenhoso entre texto verbal e visual. Tais qualidades justificam sua indicação ao Prêmio Anual da FNLIJ, edição 2015, na categoria Livro de Imagem. **GPELL**

Haicais, poemas de origem japonesa, chegam ao Brasil no início do Século xx. São compostos de três versos de 5, 7 e 5 sílabas respectivamente. Podem ter título ou não. Os temas dos haicais tradicionais fazem alguma referência à natureza; são acontecimentos particulares e tratam do “agora” e não do passado.

Há tempos atrás, Nelson Cruz se surpreendeu e se deliciou com os cartunistas e com as charges sem texto (mais ou menos 1970). Mais tarde se encontra, se delicia e se surpreende com os haicais.

Agora, esse autor e ilustrador tão premiado, vem trazer uma revolução ao livro de imagens, com sua obra *Haicais Visuais*. Beleza, simplicidade, síntese e vislumbre- características do poema japonês estão nas dez histórias, com três imagens cada uma. Ressalte-se que Nelson Cruz escolhe a forma ocidental e titula cada poema e não se prende a temas da natureza.

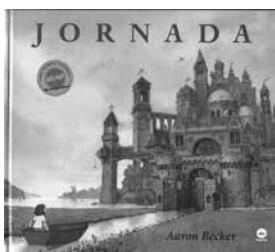
No primeiro haicai visual, o autor convida o leitor a passear de trem e deseja-lhe BOA VIAGEM! Uma viagem que pode chegar ao pintor francês René Magritte, ao rei Kong do cinema, à *Alice no País das Maravilhas*. Chegará também à Clarice Lispector com *A hora da estrela*.

Pensamentos, observações, provocações motivaram Nelson Cruz a criar seus haicais. Com certeza, quem embarcar nessa viagem também sofrerá provocações, estará aberto a novos pensamentos e observará mais. Que sonho!

“Compreendo o desenho como uma aventura ou um acontecimento de difícil previsão”, escreveu Marcelo Ribeiro “in” O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil- com a palavra o ilustrador, organizado por Leda de Oliveira, Editora DCL. Nelson Cruz com o livro *Haicais Visuais* leva o leitor a muitas aventuras e a muitos acontecimentos de difícil previsão. Um livro que surpreende, diverte e aguça a observação e o pensamento crítico do leitor,

sendo por esta razão merecedor do Prêmio FNLIJ Luís Jardim – O melhor livro e imagem de 2016. **MB**

Haicai é um gênero poético de formatação rígida e que supõe alto poder de sintetização, ao empregar as palavras no número de versos e sílabas especificados pelo modelo. No contexto dessa estrutura, Nelson Cruz, autor conhecido pelos investimentos originais que produz em termos de texto e ilustração, inova mais uma vez ao propor que, ao invés dos três versos característicos da estrofe do haicai, esses apareçam na forma de figuras que se combinam, visando alcançar o efeito do poema. **RZ**



PRÊMIO FNLIJ LUÍS JARDIM
O MELHOR LIVRO DE IMAGEM

Jornada

Aaron Becker. Record

Com um lápis vermelho na mão, a protagonista deste livro é capaz de desenhar e realizar sonhos inimagináveis, como desenhar um barco e sair viajando pelo mundo, voar em um tapete, visitar lugares desejados há muito tempo. Tudo parecia maravilhoso, mas ela é presa por um imperador malvado e somente sua força de vontade e coragem serão capazes de libertá-la. **NS**

Journey (Jornada), a envolvente narrativa do escritor e ilustrador norte-americano Aaron Becker (1974), que inaugura a trilogia composta por *Quest* (Busca) e *Return* (Regresso), vale-se apenas de imagens para convidar seus leitores a uma arrojada aventura, que tem na imaginação seu principal motor. As primeiras páginas do livro, de tom melancólico, vazadas em sépia, situam a garota-protagonista no contexto de uma grande cidade, em que os mais velhos demonstram pouco interesse ou tempo para lhe dar atenção, deixando-a entediada e solitária. Tudo se modifica em sua vida, entretanto, quando descobre em seu quarto um giz de cor vermelha, com o qual ela vai desenhando objetos que lhe propiciam o acesso a cenários coloridos e impregnados de uma atmosfera poética e fantástica, onde vive as mais inusitadas experiências. Desenha uma

porta que se abre para uma encantadora floresta; um barco que a conduz a um mirabolante castelo; um balão que a transporta para uma exótica aeronave; um etéreo tapete-voador que a ajuda a salvar certa ave prisioneira dos tripulantes dessa aeronave. Isso tudo, até o criativo final, que aposta no compartilhamento das experiências vividas pela menina e aponta para a continuidade da narrativa. Destaca-se na técnica do artista a alternância de imagens de larga visada, bem detalhistas e de teor descritivo – que abarcam muitas páginas duplas do livro –, e de sistemáticos conjuntos de três pequenas imagens, à moda das tirinhas de HQ, que focalizam, sobretudo a ação, num resultado de conjunto bastante dinâmico, capaz de cativar leitores os mais diversos. **JC**

O que qualificaria um livro de imagem? Apresentar o leitor a uma “narrativa” conduzida por uma sequência de imagens, sem que se faça presente o texto escrito. *Jornada* é um desses bons livros de imagem, que leva o leitor a uma porta aberta por um desenho na parede. As ilustrações e projeto editorial e gráfico são primorosos e um convite irrecusável, para se aventurar pela porta aberta. **MC**



PRÊMIO FNLIJ MALBA TAHAN
O MELHOR LIVRO INFORMATIVO

Malala, a menina que queria ir para a escola
Adriana Carranca. Il. Bruna Assis Brasil. Companhia das Letrinhas

A jornalista Adriana Carranca acertou no tom ao escrever este livro sobre Malala, a menina paquistanesa que ganhou o Prêmio Nobel da Paz e é conhecida mundialmente pela defesa do direito de meninas de ir à escola - luta que quase lhe custou a vida, num atentado comandado pelos talibãs. A autora viajou para o Paquistão no final de 2012, um mês após o atentado, para conhecer os lugares que Malala frequentava seus amigos, sua escola. Uma viagem perigosa, relatada com delicadeza e maestria pela premiada jornalista. Repleto de informações sobre a história e a situação atual do Paquistão, o livro vem com mapas e fotos, que nos aproximam do contexto dos fatos narrados.

O projeto gráfico colabora para dar leveza e fluidez à obra. O destaque das explicações sobre cultura, linguagem e história, em boxes na cor bege, enfeitados com arabescos, situa essas explicações no contexto da história de Malala, sem marcar o tom didático, tão comum em obras informativas para crianças. As ilustrações de Bruna Assis Brasil misturam fotos em preto e branco e desenhos coloridos, criando uma sensação de que Malala está saindo da página, cada vez que sua imagem aparece. O lenço rosado, marca registrada de Malala, está sempre presente, dando destaque à sua figura delicada, mas decidida, geralmente carregando um livro.

Em tempos de intolerância religiosa e fomento a guerras, como os que estamos vivendo, um livro como este traz a esperança de que é possível ser ouvido e mudar o mundo usando como armas apenas um livro, um papel e uma caneta. Este livro deveria ser, portanto, leitura obrigatória para jovens de todas as idades. **LWS**

Adriana Carranca, jornalista que escreve principalmente sobre conflitos, tolerância religiosa e direitos humanos para jornais de grande tiragem, traz para o leitor um novo olhar sobre a história de Malala. Um olhar sensível e apurado de quem esteve no Vale do Swat, no Paquistão. Vivenciou experiências incríveis, logo após o atentado. Levada pela curiosidade e verve jornalística conversou com seus habitantes, conhecidos e amigos de Malala. Informações sobre a história do Vale, a religião muçulmana, os costumes como, por exemplo, as construções das moradias, as vestimentas das mulheres, os costumes dos homens das tribos pashtuns são veiculadas numa linguagem clara e precisa. Descrições de ambientes e locais são permeadas por textos delicados. Hábitos culturais são apresentados sem juízos de valor.

Em linguagem coloquial a autora conta o dia-a-dia de Malala na aldeia e na escola, a criação de seu blog, onde entre tantos assuntos escreveu sobre seu medo.

O leitor encontrará precisas informações ao pé de algumas páginas esclarecendo sobre palavras, personagens, conceitos, aspectos culturais.

As ilustrações de Bruna Assis Brasil, com desenhos e colagens, são delicadas e conferem leveza à obra.

Fotografias tiradas pela autora são boas ilustrações do vale e da cultura local. Segundo Bartolomeu Campos de Queirós “há livros que ensinam, ou melhor, determinam a sina do sujeito. Há livros que concorrem para o sujeito reinventar

o seu destino". Sem dúvida, *Malala, a menina que queria ir para a escola*, está no segundo caso. Por isso é merecedor do Prêmio FNLIJ Malba Tahan – O Melhor Livro Informativo. **MB**

Malala é uma obra capaz de deslocar os leitores de diferentes formas. Uma história real de uma menina que lutou pelo seu direito de continuar estudando após sua cidade ter sido controlada pelos Talibãs que impunham suas severas regras, confinando as mulheres em casa. Além de abordar questões políticas, geográficas, religiosas e culturais atuais, o texto é conduzido por uma ilustração de traços e cores harmoniosos que dialogam e expandem o texto verbal. Trata-se de um livro informativo permite que as crianças brasileiras ampliem suas referências culturais, conhecendo Malala, sobrevivente de um atentado, um exemplo de luta da mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da Paz. **PC**

Adriana Carranca gosta de escrever, principalmente, sobre conflitos, tolerância religiosa, direitos humanos. Tem um olhar sempre voltado para as condições da mulher no mundo atual.

Para escrever este livro, viajou até o vale de Swat que fica no Paquistão e visitou a cidade de Mongora, lugar onde nasceu Malala e passou a infância, conversou com as amigas e pessoas que tiveram convivência com Malala e ouviu depoimentos das colegas de escola que disseram que era "a mais sabida, a mais valente, a mais falante".

O regime talibã proibia as meninas de frequentarem a escola, mas o pai de Malala era professor e queria que a filha estudasse assim a menina frequentou a escola do pai e incentivou outras meninas a estudarem também. Malala criou um blog em que atacava o governo dos talibãs e para não ser reconhecida usava um pseudônimo. Protegida pelo anonimato tinha liberdade para externar suas ideias.

Homens barbudos e com cara de poucos amigos começaram a aparecer no vale, eram os talibãs. Eles proibiam as mulheres de sair de casa e as meninas de irem à escola. A chegada dos talibãs mudou completamente a vida no vale de Swat, até a música foi banida e o vale emudeceu, ficou triste.

Um dia, quando voltava da escola Malala foi ferida por um soldado talibã e ficou quatro meses no hospital. Recuperada, continuou na luta em defesa da educação para as meninas do Paquistão, mas não teve mais condições de morar

no mesmo local. Atualmente, vive com a família em Birmingham, na Inglaterra. Mesmo distante do seu país, continua na luta pela educação.

Por suas atividades em prol da Educação, Malala recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2014.

A comovente história dessa menina foi ilustrada por Bruna Assis Brasil. Com traço sutil e delicado, as ilustrações que representam Malala e suas colegas parecem marioscas. **NS**



PRÊMIO FNLIJ ODYLO COSTA, FILHO
O MELHOR LIVRO DE POESIA

Caderno veloz de anotações, poemas e desenhos

Texto e ilustrações de Ricardo Azevedo. Melhoramentos

Brincar com as palavras para expressar as ideias é uma característica marcante na literatura de Ricardo Azevedo. O livro *Caderno Veloz de anotações, poemas e desenhos* é uma obra de grande tensão artística, capaz de seduzir leitores tanto pela estética da linguagem quanto pela temática, onde o autor, com maestria, fala dos acontecimentos e vivências do dia a dia, como identidade, amor, política, etc., além de dialogar com os poetas Ferreira Gullar, Carlos Drummond de Andrade e Manoel Bandeira. As ilustrações, significativas e autônomas como diz o autor, representam algo que certamente será lido, examinado e apreciado pelos leitores amantes da boa poesia. Com um projeto gráfico bem elaborado, a obra que nos oferece o cotidiano em verso, com a destreza e criatividade do premiado Ricardo Azevedo, confere o prêmio de melhor livro de poesia. **RL**

Os textos do livro de Ricardo Azevedo, como o próprio título sugere, apresentam-se de formas poéticas diversas, como se fossem anotados no calor da inspiração/criação, justamente em um caderno de anotações, companhia inseparável dos poetas. Os versos, predominantemente em primeira pessoa – eu/nós –, condensam imagens, sentimentos e projeções de um eu lírico muito próximo dos jovens leitores, tanto no que se refere aos temas quanto ao modo de construção. Irônicos, delicados ou bem-humorados, sem títulos que os anunciem,

os poemas tratam de amores, decepções, vivências, ensaios críticos, questões sociais, identidade, entre outros, e são enriquecidos pelas ilustrações do próprio Ricardo Azevedo, muito coloridas, em tons fortes, em perfeita sintonia com o conteúdo verbal. **AM**

Ricardo Azevedo é bastante conhecido como contador de histórias e episódios do folclore nacional, criador e narrativas originais e ilustrador. A importância de sua obra na literatura brasileira é inegável e vem sendo registrada por quem quer que estude a trajetória e estado atual de nossa produção para crianças e jovens.

Com *Caderno veloz*, o escritor parece dar um passo à frente, mais uma vez configurando a vanguarda da literatura infantil e juvenil brasileira. Dedicar-se nesse livro, que igualmente ilustra e anota, à poesia, com notável qualidade e inovação. Em primeiro lugar, foge aos lugares comuns que vêm infestando os versos para a infância e mocidade, com rimas fáceis e reprodução de situações pueris sugeridas por animais domésticos, família, etc. Além disso, introduz, com muita sensibilidade, a expressão do eu, que percebe a si mesmo enquanto identidade e que expressa o mundo na relação com a subjetividade (ver, por exemplo, os versos “Meu rosto sumiu / Vasculho os espelhos / Não consigo encontrá-lo”, e também as estrofes subsequentes, em que expõe de modo imagético a busca do eu, que almeja ver manifestada na sua relação com a alteridade). Cumpre também salientar a qualidade das ilustrações, em que o artista se vale de situações surrealistas para dar conta do desencontro e procura que assinalam o conjunto dos poemas. **RZ**

Caderno veloz de anotações, poemas e desenhos tem a força e a velocidade do projétil que, muito apropriadamente, abre o livro de Ricardo Azevedo. A imagem inicial, assim como as que se seguem, misturam-se a densos poemas e anotações tão instigantes quanto.

Numa publicação que desvela uma inquietação tão própria do ser poético, Ricardo nos convida a mergulhar neste universo: “Não sei se a vida faria sentido se ela não fosse de alguma forma, espantosa.”

Capturados por este espanto vital, tão bem expresso pelo autor/ilustrador, postamo-nos, mais uma vez, desafiados, diante da novidade da vida e de nós mesmos. **CS**



PRÊMIO FNLIJ ODYLO COSTA, FILHO
O MELHOR LIVRO DE POESIA

Eu sou do tipo que costura versos com a linha do Equador

Múcio Góes. Organização de Leo Cunha. Positivo

Os breves e singelos poemas de Múcio Góes que fazem parte desta coletânea cativam o leitor pela simplicidade dos versos, pelo humor e pelo lirismo. São poemas que certamente agradarão o jovem leitor, pelas temáticas, pela linguagem coloquial e pela agilidade percebida em cada verso.

O projeto gráfico colabora para construir a imagem de simplicidade e agilidade, pois os poemas passeiam pelas páginas, e às vezes são poucos versos por página. A ilustração da capa e da contracapa traduz o mosaico proposto na obra.

Certamente este livro chamará a atenção do jovem leitor, por apresentar uma linguagem poética contemporânea e temáticas que mesclam crítica metalinguagem, humor e lirismo. **LWS**

Organizada por Leo Cunha e acompanhada por um prefácio seu, a pequena antologia dos versos de Múcio Góes não tem como não agradar a adolescentes e jovens leitores. Jogando com sentidos, num ir e vir de sentimentos em ebulição, o poeta traz o leitor pra perto de si e de seus sentimentos e carências. Além de, claro, falar – sem rebuscar – das pequenas grandes coisas que todos nós, em nosso romantismo inicial, idealizamos: “amar não é coisa para qualquer um/ não conheço ninguém/ feliz sozinho/ antes durante depois/ amar é coisa para dois”. Ou, então, “Se de repente faltar espaço a gente mora num abraço.” Está aí um poeta para jovens nascendo. Espera-se que não pare por aí! **sc**

POESIA / isto é a vida:/ pinte/ borde/ trans/ borde

Isto é a poesia, diria, se pudesse reinventá-la - é assim que Múcio Góes faz poesia: pinta, borda, transborda sentidos e os sentidos. Faz poesia como presença no cotidiano, em ritmos inesperados, em rimas inusitadas, em imagens imponderavelmente líricas, mas de uma simplicidade que encanta enquanto surpreende.

Um lirismo de tom prosaico, que nos toca pela aparente singeleza do vocabulário e pelo jogo de palavras que atrai e se e nos revela, confessando: “eu sou do tipo/ que costura/ versos com a/ linha do equador”. O título é poema e poesia, e os demais poemas são daquele tipo que quando a gente lê em voz alta suscitam um “ah” que se prolonga e irmana e aquieta e inquieta, tudo junto e separado, como só a boa poesia sabe fazer.

E ela, a poesia, está por toda parte, desnudando a composição poética presente nas coisas e gentes e sensações e sentimentos, em linguagem singular cheia de plurais, à espera e à espreita de leitores distraídos prontos pra curtir “de repente/ tudo como dantes/ um realce/ um relance/ um relógio esperando/ para nos dar/ outra chance/ let’s go/ baby/ let’s go/ let’s dance”.

E termino roubando as palavras de Leo Cunha, organizador dessa antologia: “Ágil, concisa, inventiva e bem-humorada, a poesia de Múcio cria um universo coeso...” E mais adiante: “... uma poesia que mira fascinada o universo, mas ao mesmo tempo examina o que há dentro da alma de cada um de nós”.

A ler, pois! **TP**



PRÊMIO FNLIJ GIANNI RODARI
O MELHOR LIVRO-BRINQUEDO

Era uma vez...

Pop-ups criados e ilustrados por Benjamin Lacombe.
Arquitetura de papel José Pons; Posfácio Jean Perrot;
Tradução Lavínia Fávero. Positivo

Era uma vez é um livro que desperta a sensibilidade da criança não só pela qualidade de sua engenharia de papel, mas, sobretudo pela articulação entre os pop-ups e os elementos de cada conto de fadas, observada na fascinante representação de universos que explodem em movimentos, formas e cores. Ressalta-se a qualidade surpreendente das imagens de Benjamin Lacombe, que surgem por entre as dobras e recortes do papel. Além do evidente caráter lúdico, a obra estimula também, pelo trabalho requintado das imagens, a criatividade e o senso estético dos pequenos leitores. **AM**

Este livro brinquedo surpreende. O leitor é que vai descobrir pelo que se vai revelando, as histórias. Se não conseguiu-lo, a mediação de adultos se faz necessária, o que não tira a magia. São clássicos de contos infantis em fantástico passeio com estruturas e recortes de papelão que mostram visões extraordinárias não convencionais. A palavra não aparece. É o leitor o encarregado de fornecê-las pelo que depreende pelo que a explosão de imagens possibilita. Os matizes das cores são intensos, provocam surpresas e atacam os sentidos. Há necessidade de percepção atenta do leitor aos detalhes para captar, a sua maneira, o clima onírico instaurado. O livro se torna um grande espetáculo. A cada nova leitura, descobre-se uma magia diferente. Uma expressão artística inusitada e renovada, uma versão particular de encantamento. **MGP**

Trata-se de uma obra adequada ao leitor tanto por seus aspectos temáticos quanto pela concepção de seu projeto gráfico-editorial. Nesse sentido, o livro concorre para a ampliação do universo imaginário do leitor, ao colocá-lo em contato com uma sintonia de referências dos contos tradicionais, através de cores, formas e dobraduras fantasmagóricas. Acrescente-se que, por essas vias, aguça capacidade de estabelecer relações entre diferentes histórias e personagens mágicas. **VA**

Era uma vez..., do ilustrador francês Benjamin Lacombe e saudando a editora Positivo pela publicação arrojada de um livro que é arte pura, magistralmente sedutor pela sua arquitetura física e imagens insólitas. Um livro pop-up, com personagens dos contos clássicos para infância (Polegarzinha, Pinóquio, Madame Butterfly, Chapeuzinho Vermelho, Alice no País das Maravilhas, O Barba Azul, A Bela Adormecida e Peter Pan), que desfilam pelas páginas em dobraduras em três dimensões. Talvez Madame Butterfly se distancie das narrativas feéricas, mas por certo, Lacombe a introduziu com perfeição na sua insólita construção. Um “Livro-vivo” para usar a expressão de Jean Perrot! **ED**

O livro apresenta um projeto gráfico ousado no tamanho, na forma, na qualidade do papel e da impressão. Cada página tem uma surpresa em pop-up que alude a uma história. *Era uma vez* propõe o início de um diálogo com histórias que podem ser conhecidas pelas crianças e/ou contadas pelo adulto. Os pop-ups são exuberantes, saltam das páginas e surpreendem. **PC**

A obra é muito efetiva dentro do formato do pop-up. **RZ**



PRÊMIO FNLIJ LUCIA BENEDETTI

O MELHOR LIVRO DE TEATRO

O bobo do rei.

Angelo Brandini. Il. Raul Aguiar. Companhia das Letrinhas

Não é uma tarefa fácil a adaptação de *Rei Lear*, de William Shakespeare, para as crianças. Entretanto, Angelo Brandini consegue se safar bem da missão que lhe foi proposta. Trabalhando com as personagens chaves da tragédia de Shakespeare, define cada uma de forma convincente, construindo uma narrativa de fácil compreensão, combinada com um humor que transborda em cada cena. Ademais, a carpintaria do autor denota familiaridade com a escrita teatral, já que, apesar da redução drástica da trama, não põe de lado a elaboração de uma sólida curva dramática, a partir do elemento básico definidor do conflito: a repartição do poder, por quem não era obrigado a fazê-lo, entre pessoas que não estão aptas a exercê-lo. Distanciando-se do fim melancólico do original, mas não perdendo a ideia central da reconciliação e do recomeço, sob os escombros do reino o que se propõe é um novo recomeço, onde a compreensão valha mais do que a posse. Enfim, um texto lúdico, que respeita o original, mas, especialmente, os elementos básicos definidores da obra dramática. **FF**

Esta adaptação de *Rei Lear*, ainda que pendendo para o humor, consegue chegar ao público infantil sem perder a grandiosidade do texto original. **LP**

O bobo do Rei, de Angelo Brandini traz para a ribalta, de forma bem humorada e contemporânea, a adaptação do livro *Rei Lear* do dramaturgo inglês William Shakespeare. Tragédia que vira comédia pelas mãos da Companhia teatral Vagalum Tum Tum e agora ganha publicação pela editora Companhia das Letrinhas. Os paratextos construídos por Gabriela Romeu e Angelo Brandini introduzem o leitor no espírito da dramaturgia proposta neste livro, bem como dicas para encenar a peça. **ED**

Este livro é uma adaptação para o público infantil de *Rei Lear*, de William Shakespeare. O texto mantém o cerne da obra – a luta pelo poder e a traição ao pai. Mas insere algumas novidades: a verve cômica na caracterização e fala das personagens, e desfecho inusitado: pai e filha (rei e Cordélia) abandonam o reino já destruído, formam uma dupla de bobos e partem sem destino pelo mundo. É do bobo a frase que resume a história: “Bobo não vira rei, mas tem rei que vira bobo”. Ou seja, a crítica permanece, de forma lúdica, nesse texto para crianças. E permite pensar também no poder e na liberdade quando se abre mão dele.

Organizada por Gabriela Romeu, a coleção *Fora de Cena* traz algumas informações que a enriquecem, como a da importância do cenário, da iluminação, dos figurinos, da sonoplastia, e estimula a criança a encenar, de maneira simples e criativa, com elementos que dispõe em casa. Traz informações sobre Shakespeare, e sobre a figura do bobo no transcorrer do tempo. Aliás, o desfecho soa como homenagem aos bobos, origem dos atuais palhaços.

O Bobo do Rei é uma adaptação cuidadosa, que, na sua irreverência, respeita a tradição. E, principalmente, o público ao qual se destina. Por meio dessa comédia, Angelo Brandini aproxima o jovem leitor de um texto clássico que perpassa gerações. Por essas razões, a sua indicação na categoria. **TP**



PRÊMIO FNLIJ CECÍLIA MEIRELES
O MELHOR LIVRO TEÓRICO

Teatro infantil: história, leitura e propostas

Org. Fabiano Tadeu Grazioli. Textos de Regina Zilberman, Celso Sisto, Marta Morais da Costa, Fabiano Tadeu Grazioli e Maria Helena Kühner. Positivo

A obra é resultado de pesquisas, estudos e experiências na área de teatro e é composta por cinco artigos elaborados por pesquisadores renomados como Regina Zilberman, Celso Sisto, Marta Morais da Costa, Fabiano Tadeu Grazioli e Maria Helena Kühner. Além dos artigos que discutem com propriedade conteúdos relacionados ao teatro e à sua constituição no campo literário, a obra apresenta uma bibliografia recomendada e uma breve apresentação dos autores,

organização que contribui com a qualidade do conjunto editorial. O livro oferece ao leitor extenso material histórico sobre o teatro infantil, desde a sua origem, e há também sugestões de vivências dramáticas, possibilitando a integração teoria e prática. Considerando que carecemos de obras que abordem a temática discutida nos textos, consideramos essa produção teórica de grande importância no cenário atual, pois é uma resposta às demandas atuais sobre o tema. A leitura da obra amplia o conhecimento dos leitores sobre o texto dramático tanto no que diz respeito às considerações teóricas apresentadas quanto em relação às possibilidades de trabalho com este gênero na escola. **GPELL**

O livro *Teatro infantil: história, leitura e propostas*, organizado por Fabiano Tadeu Grazioli, reúne textos de cinco autores, investigadores que tratam o tema, tão pouco estudado no universo da produção cultural para a infância, sob enfoques diversos e necessários para um campo de estudos em franco crescimento no cenário acadêmico/ escolar brasileiro. Abordam tanto a história e diferentes modalidades teatrais quanto apresentam propostas de atividades, tais como a leitura dramática e o jogo teatral na escola. **AM**

Este é um livro essencial para teóricos, professores, artistas e pesquisadores de teatro infantil. A temática, apesar de importante, poucas vezes recebeu uma abordagem tão coerente e clara, em linguagem simples, porém sem deixar de lado o aprofundamento no tema.

A obra mescla citações teóricas e referências a pesquisadores de várias áreas a trechos de diversas peças teatrais, misturando de maneira primorosa teoria e análise textual. Desde as características do texto teatral até sua transposição para a sala de aula e formação de acervo, o que encontramos neste livro é uma respeitosa e profunda abordagem de aspectos variados relacionados aos textos dramáticos. Os autores são pesquisadores renomados, como Regina Zilberman e Celso Sisto, com anos de experiência no tema.

Ao final do livro há uma breve bibliografia comentada, certamente útil aos que desejarem se aprofundar no tema. **LWS**

O livro, resultado de uma compilação de pesquisadores da área, é fundamental para os estudos teóricos e críticos desse gênero ainda pouco estudado. Contudo, a obra ultrapassa esse primeiro objetivo, abrangendo diferentes enfoques e alargando as possibilidades de conhecimento do leitor. Ao refletir sobre

o lugar e a importância do teatro, traz dados importantes para a reflexão sobre a produção infantil, do ponto de vista histórico, cultural e educacional. Ao discutir o gênero, vai oferecendo aos estudiosos informações e aparato crítico essenciais para as pesquisas futuras. **VA**



PRÊMIO FNLIJ FIGUEIREDO PIMENTEL
O MELHOR LIVRO RECONTO
HORS-CONCOURS

Histórias russas

Recontadas por Ana Maria Machado. Il. Laurent Cardon. FTD

A escritora Ana Maria Machado buscou desta vez no fascinante universo das histórias russas, pouco difundido entre nós, a matéria prima para esta obra.

Nas asas de um pássaro de fogo, montado em um cavalo mágico ou correndo no dorso de um lobo cinzento, o leitor será conduzido por mundos mágicos e desafiadores. Pela palavra encantada de Ana Maria Machado viajará até onde o inominável se faz presente. Sentimentos humanos poderão ser revisitados. O leitor se identificará ou não com tais emoções e estará por outro lado frente a frente com as contradições da condição humana.

Nestes cinco contos populares intensos e extensos, o leitor se defrontará com o amor, com a inveja (entre irmãos), com a coragem e a angústia, com a amizade e a cobiça, com a desobediência e o castigo, com as recompensas e as usurpações de bens valiosos, com o medo e a superação. Com a solidariedade. Com a morte.

Heróis e heroínas, corcéis encantados, princesas, o pássaro de fogo com suas penas douradas, o Fabuloso Arqueiro, o Cavalo Mágico, os cavalos de crina de ouro, o Falcão Finist, as isbás com patas de galinhas, as Baba-lagás, mulheres muito feias e muito velhas que podem ser uma bruxa malvada ou uma fada poderosa, são personagens que alimentarão o imaginário do leitor. O amado que dorme um sono tranquilo, sem acordar, lembrará *A Bela Adormecida*.

O conto *O Velho do Mar*, uma história que veio da Sibéria, traz outro personagem maravilhoso. É ele quem controla os peixes que serão pescados em todos

os lugares. Há também baleias que se transformam em pescadores, brincam e nadam alegres nas praias.

Ricardo Azevedo, estudioso dos contos populares, escreveu em seu recente livro *O moço que carregava o morto nas costas*:

“Tenho certeza de que os contos populares representam um tipo de literatura única e essencial, tanto pela forma com que abordam os assuntos, como pela linguagem que utilizam.”

É esta essencialidade que o leitor encontrará em *Histórias Russas*. Ana Maria Machado reafirma aí seu respeito pelo leitor, usando uma linguagem coloquial, envolvente.

As ilustrações de Laurent Cardon, grandes, em páginas inteiras e coloridas, com detalhes curiosos que remetem à cultura russa e muitos rostos quixotescos são um prazer para o olhar. Um verdadeiro deleite!

O projeto gráfico é primoroso, destacando-se o cuidado com a escolha do papel. **MB**

Trata-se de um conjunto de histórias populares russas, recontadas para o público infantil e juvenil através de linguagem coloquial e poética. Sua leitura descortina um universo novo, misterioso e distante, que encanta e aciona a imaginação. Daí decorre uma experiência literária capaz de alargar horizontes, mostrando a diversidade de lugares e tempos. As ilustrações, muito criativas e dinâmicas, dialogam com o texto verbal, dado o sucesso do projeto gráfico-editorial. Se, de um lado, se descortina um mundo novo para o leitor brasileiro, descobre-se que os sentimentos, os sonhos, as dores e a busca da felicidade movem os homens de sempre mostrando a diversidade de lugares e tempos. As ilustrações, muito criativas e dinâmicas, dialogam com o texto verbal, dado o sucesso do projeto gráfico-editorial. Se, de um lado, se descortina um mundo novo para o leitor brasileiro, descobre-se que os sentimentos, os sonhos, as dores e a busca da felicidade movem os homens de sempre. **VA**

Numa edição ricamente ilustrada por Laurent Cardon, Ana Maria Machado nos apresenta algumas narrativas populares russas com recontos primorosos. **LP**



PRÊMIO FNLIJ FIGUEIREDO PIMENTEL
O MELHOR LIVRO RECONTO

A flauta mágica e o livro da sabedoria

Del Candeias. Projeto gráfico e pesquisa iconográfica Victor Burton. Sesi-SP

A bonita e alegre ópera de Wolfgang Amadeus Mozart – *A flauta mágica* já teve várias adaptações para crianças e jovens em forma de narrativa.

Esta edição da editora Sesi-SP, texto adaptado e recontado por Del Candeias, destaca-se das demais pela cuidadosa apresentação do livro, incluindo o projeto gráfico e a pesquisa iconográfica. A linguagem é acessível aos jovens e as ilustrações acompanham a história, às vezes sombrias, outras coloridas e alegres. Dividido em nove capítulos (a ópera está dividida em dois atos), o leitor acompanha “pari passu” a história do grande amor entre o príncipe Tamino e sua amada Pamina. Para concretizar esse amor, ele passa por dificuldades, obstáculos, perigos e ciladas. Um dos desafios de Tamino era encontrar o Livro da Sabedoria.

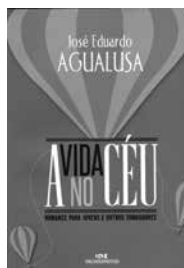
Del Candeias captou o espírito alegre e brincalhão das músicas de Mozart e da própria ópera e a narrativa apresenta momentos de descontração e jocosidade. A música é o motivo condutor deste livro - ela hipnotiza, enfeitiça e provoca alegria.

No fim da história, o livro da Sabedoria foi encontrado. E o que escondia o Livro da Sabedoria? “Um monte de folhas em branco encadernadas com ouro” E vem à conclusão: “A sabedoria pode ser alimentada pelos livros ou pelas experiências, mas está de verdade dentro de nós.”. **NS**

Trata-se de uma história baseada na ópera *A flauta mágica* de Mozart que se apresenta em um projeto gráfico editorial bem cuidado: da capa dura e papel e impressão qualidade à escolha da letra e distribuição das ilustrações ao longo da obra. O texto é narrado de forma clara e concisa e as ilustrações dialogam de forma surpreendente com a história. Pequenos pássaros pousam sobre a linha superior de algumas folhas ou alçam voos, personagens surgem isolados com seus trajes detalhados e, vez por outra, paisagens surgem em páginas inteiras ou

duplas. Além de incomum a adaptação de uma ópera para a literatura infantil, observa-se que proposta se sustenta evidenciando um projeto criativo e bem sucedido. **PC**

Esta nova adaptação da celebrada ópera *A flauta mágica* (1791), de Mozart (1756-1791), com libreto alemão de Emanuel Schikaneder (1751-1812), alcança um ótimo resultado no seu propósito de apresentar ao leitor de hoje uma das narrativas mais famosas da cultura ocidental, ainda que exija um leitor fluente, capaz de vencer as cerca de 150 páginas da obra. Para contar a conhecida história de amor entre o príncipe Tamino e sua querida Pamina, bem como de todas as provas a que os dois têm de se submeter – num processo gradativo de aprimoramento pessoal – até chegarem à almejada união, o escritor é bastante feliz tanto no emprego da linguagem quanto na estruturação geral da narrativa. A linguagem é acessível, mas não descarta a alternância entre um tom mais sóbrio, exigido pelo distanciamento temporal da história e sua atmosfera fantástica, e o coloquialismo de certos diálogos, presentes, sobretudo nas cenas cômicas vividas por Papageno, o fiel, atrapalhado e divertido amigo do príncipe. No que diz respeito à coesão de uma narrativa que na sua versão original possui muitas digressões e ações paralelas – típicas do gênero operístico –, também é convincente o resultado alcançado pelo adaptador, que se vale de um narrador, que, em momentos cruciais da história, se dirige ao leitor, procurando recuperar pontualmente acontecimentos apresentados em capítulos anteriores e explicitando nexos causais importantes entre eles para que se possa compreender de forma plena a história – isso, sem enveredar por um viés por demais didatizante, que resultaria num ruído lamentável na condução da narrativa. O requintado projeto gráfico criado pelo premiado designer gráfico Victor Burton, também responsável pela pesquisa iconográfica, valoriza ainda mais a edição. **JC**



PRÊMIO FNLIJ HENRIQUETA LISBOA
LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

A vida no céu: romance para jovens e outros sonhadores

José Eduardo Agualusa. Melhoramentos

Trata-se de uma história de ficção científica escrita em linguagem poética que convida ao exercício da imaginação e conduz o leitor a uma fantástica viagem para o futuro. A história é narrada por um adolescente angolano e relata a saga de grupos humanos que sobrevivem a um grande dilúvio causado pelo aquecimento global, criando “sociedades flutuantes”, que vivem no céu, dentro de balões e dirigíveis. O universo criado na narrativa é cheio de surpresas e também oferece algumas informações verídicas, devidamente situadas, sem que se rompa o pacto ficcional estabelecido. Os capítulos são iniciados sempre com uma frase de efeito – também bastante poéticas – e impõem um ritmo narrativo que proporciona fluidez à leitura, que também é favorecida pelo projeto gráfico arejado e repleto de vazios. Os tons de azul claro e branco que permeiam toda a obra ajudam a compor o ambiente celeste e marítimo apresentado na narrativa e a conduzir o leitor ao universo ficcional estabelecido. Assim, pelo tratamento temático, linguístico e gráfico-editorial, a obra traz um conjunto capaz de alcançar diferentes públicos no Brasil ou em outros países lusitanos, o que justifica sua indicação para nota 30 na categoria “Literatura em Língua Portuguesa”. **GPELL**

O romance de José Eduardo Agualusa, ficção científica, além de provocar e valorizar o imaginário dos leitores constitui uma severa crítica e um alerta à sociedade, despreocupada com o avanço do aquecimento global. Após um Dilúvio, os habitantes do planeta que se salvaram passam a viver literalmente nas nuvens: os ricos em dirigíveis grandiosos e os menos favorecidos, em balões mais pobres. Além da questão de preservação do planeta, a narrativa tematiza também as difíceis relações humanas nesse espaço inusitado e o desejo de seus habitantes de reencontrar a terra e, com ela, a identidade perdida. As personagens, um casal de adolescentes, que vive uma série de aventuras, a linguagem, que se vale de recursos expressivos variados, e o foco narrativo em primeira pessoa constituem elementos de atração para jovens leitores. **AM**

“Depois que o mundo acabou, fomos para o céu”. É assim que começa este fascinante livro de Agualusa, sobre o que houve, num tempo futuro não determinado, no mundo pós-dilúvio, com os sobreviventes vivendo em “balsas”, sociedades flutuantes no meio das nuvens. O enredo centraliza-se nos jovens personagens Carlos, angolano, e Aimée, francesa. Os companheiros de aventura

tentam encontrar o pai de Carlos, enquanto refletem sobre as dificuldades da vida longe da terra firme.

O projeto gráfico é objetivo, com atenção especial para as aberturas de capítulo, em azul. A linguagem simples mistura-se a trechos de fino humor, intertextualidade e crítica social, conduzindo o leitor, invariavelmente, a associar o romance a momentos não ficcionais em que somos surpreendidos pela inveja humana, pela ganância, pelo rancor, mas também pela alegria e generosidade. “O melhor da viagem é o sonho”. Assim termina a história. E ficamos nos perguntando se não é verdade que a busca é melhor que o encontro. **LWS**

O autor nos brinda com um exercício de imaginação que exige muito fôlego para acompanhar sua narrativa extraordinária, misto de ficção científica e realismo mágico. Trata-se de uma aventura empreendida por Carlos, um adolescente angolano. Com o dilúvio causado pelo aquecimento global, os sobreviventes constroem sociedades flutuantes, instaurando uma nova forma de viver. As maiores cidades vivem em dirigíveis enquanto os mais pobres se organizam em balsas chamadas balsas, formando aldeias. Carlos sai à procura do pai, que caiu de uma das balsas, encontra Aimée e daí surgem muitas aventuras, numa espiral de situações indescritíveis, mas que atiçam a curiosidade do leitor, que embarca junto. Agualusa se utiliza da sua já conhecida linguagem poética e atual que o torna um dos maiores escritores da sua geração. Não é um livro fácil, requer um leitor proficiente e amadurecido, constituindo-se sensível libelo sobre a convivência harmoniosa no percurso de volta à Terra, berço de todos nós. **MGP**



PRÊMIO FNLIJ HENRIQUETA LISBOA
LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Meia hora para mudar a minha vida

Alice Vieira. Peirópolis

Os versos da brasileira Adriana Calcanhoto enredam a vida de Branca, personagem desta densa narrativa de Alice Vieira, cujo mote é o destino. Envolta num mundo de valores bastante contraditórios, a vida da personagem se constrói, em meio a prazeres, renúncias, escolhas e encontros como a de todos nós, de

uma maneira ou de outra. Num texto bem amarrado, instigante, com descrições na medida certa, sem delongas a mais, que nos cansam e sem ser sucintas demais, porque não explicariam as imagens mentais que se formam a partir da experiência da leitura, a obra promete e cumpre o que se propõe: emocionar e nos fazer refletir sobre as nossas escolhas. **CS**

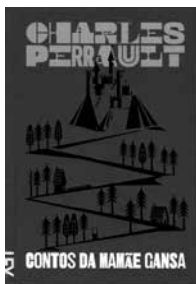
O livro da consagrada escritora portuguesa Alice Vieira é uma obra sensível e surpreendente pelo encontro do dramaturgo português, Gil Vicente com a cantora e escritora brasileira Adriana Calcanhoto. Nesse encontro, onde a obra dos dois artistas dialogam e conseqüentemente os dois países Portugal e Brasil também, Alice escolheu para o título do livro a frase de uma canção de Adriana- *Meia hora para mudar minha vida* porque se assemelha com a vida de Branca, protagonista da história. Uma menina de 16 anos que nasceu no palco e entre a casa da avó distante, o endereço do pai da Suíça e o carinho do lar de infância, a Feira, descobre que tem muitos caminhos a percorrer. Com uma narrativa que seduz pela linguagem a autora convida os leitores a embarcaram nessa viagem cheia de afeto, amor e esperança, emoldurada pelas canções de Adriana Calcanhoto. **RL**

Em meio à avalanche de vampiros, zumbis, fadas e diários de garotas contando incansavelmente seus dramas amorosos, um livro como *Meia hora para mudar a minha vida*, da portuguesa Alice Vieira, é um presente para os jovens leitores brasileiros. A história da menina Branca-a-Brava, de sua mãe e de um casarão que, sob as bênçãos do amor pelo teatro e por Gil Vicente, reúne famílias e pessoas as mais diversas é um convite para pensar a diferença entre vidas comuns e vidas banais. A trama tem as suas tristezas, mas um humor inteligente também. Para rir e chorar. **FF**

Meia hora para mudar a minha vida é um livro cheio de seres estranhos e de narrativas agitadas que provoca jovens leitores de qualquer parte, não importa se do lado de lá ou do lado daqui do grande oceano. A ligeireza e o bom humor, no estilo refinado da autora valorizam a leitura para além do simples entretenimento. **LP**

Alice Vieira, um dos mais importantes nomes da literatura portuguesa contemporânea, dedicada à literatura infantil, faz uma criativa costura entre dois

momentos históricos – a atualidade e a Renascença portuguesa, representada pela obra do dramaturgo Gil Vicente – e duas culturas, a portuguesa, de onde provém a autora e a narrativa, e a brasileira, lembrada pelos versos de Adriana Calcanhoto. **RZ**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO

A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO CRIANÇA

Contos da mamãe gansa ou histórias do tempo antigo

Charles Perrault; Il. Ilustrações Milimbo. Trad. Leonardo Fróes. Cosac Naify

Reunião de clássicos de Perrault, a edição traz versões mais aterrorizantes do Chapeuzinho Vermelho e do Pequeno Polegar e outras mais leves como A Bela Adormecida, O Gato de Botas, Cinderela entre outros. É o texto integral de 1697, com as morais escritas por Charles Perrault. É um resgate da literatura oral da época, e o autor foi auxiliado pelo filho, Perrault D'Armancour.

A edição é repleta de humor e fantasia e ricamente ilustrada por Milimbo, trazendo cada contos com projeto gráfico diferente e impresso em diferentes tipos de papel, o que dá ao livro um requinte especial. A tradução de Leonardo Fróes é esmerada. Ao final encontramos um apêndice com ensaios Michel Tournier sobre o conto Barba Azul, algumas considerações do tradutor e notas sobre o autor e ilustrador. **MC**

Que maravilha! *Contos da Mamãe Gansa ou histórias do tempo antigo* é um brinde que a Editora Cosac Naify oferece aos leitores, antes de fechar suas portas no Brasil. Uma obra-prima do escritor francês Charles Perrault, lançada na íntegra, da forma como foi publicada originalmente em 1697. Os leitores terão a oportunidade de visitar clássicos como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, O gato de botas e outros, lendo suas verdadeiras histórias em versões diferentes das que se eternizaram no imaginário de crianças jovens e adultos do mundo inteiro até os dias de hoje. A tradução cuidadosa de Leonardo Fróes manteve a literariedade da obra, usando um jeito francês que corresponde ao jeito português, como

afirma o tradutor. A beleza das ilustrações produzidas pelo estúdio espanhol Milimbo e o projeto gráfico/editorial impecável contribuem significativamente para o livro obter o prêmio de melhor tradução adaptação criança. **RL**

Contos da mamãe gansa e histórias do tempo antigo é uma obra inaugural da literatura infantil reeditada em um projeto gráfico editorial que apresenta inovações: capa dura e encadernação bem cuidada, cada um dos oito contos impressos em papel de cores e texturas diferentes, ilustrações que exibem traços simples, expressivos e propostas gráficas diferentes em cada conto. Logo na contracapa aparece uma carta “À Mademoiselle” assinada por Perroult de D’Armancour que dedica a coletânea de contos à princesa, filha de Luís XIV, por considera-los uma forma dela conhecer o povo, “conhecimento que lhes pareceu necessário à sua perfeita instrução”. O apêndice e as notas sobre o autor e o ilustrador contextualizam a obra e acrescentam informações que ampliam as possibilidades de leitura. Os contos são escritos num texto que flui e que evidencia uma tradução também bem cuidada. Todas estas vozes dialogam entre si e fazem desta edição uma possibilidade de ler um clássico de forma renovada. **PC**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO INFORMATIVO

Um raio de luz: a história de Albert Einstein

Jennifer Berne. Il. de Vladimir Radunsky. Trad. de Eduardo Brandão. Companhia das Letrinhas

O livro conta a história de Albert Einstein de um ponto de vista pouco comum em livros dessa natureza, que costumam oferecer datas, locais e descobertas. Os autores mostram o grande físico no que faz dele um grande cientista: a curiosidade pelo mundo, mesmo pelo que pode parecer óbvio e banal, e o prazer de pensar. Desde pequeno bastante diferente das outras crianças, Albert sempre se mostrou observador, atento e questionador, buscando respostas e,

principalmente, elaborando perguntas sobre a natureza e o mundo. Com um projeto gráfico bonito, o livro é um convite para que os pequenos leitores se aproximem de Einstein e também do conhecimento científico. **FF**

“Há mais de cem anos, enquanto as estrelas giravam no céu, a Terra rodava em torno do Sol e os ventos de março sopravam em uma cidadezinha à beira de um rio, um menino nascia. Seus pais o chamaram de Albert”.

Assim se inicia a narrativa desse instigante livro da publicitária norte-americana Jennifer Berne, envolta em um cuidadoso projeto gráfico. Impresso em papel reciclado Alta Alvura, estabelece perfeita sintonia com a proposta do livro.

Einstein foi um garotinho diferente. Até os quatro anos de idade não falava. Verdade! Não falava, mas tinha muitas perguntas. Seus olhos a tudo perscrutavam, com uma curiosidade vívida sobre as coisas e sobre tudo ao seu redor. Era-lhe impossível ser igual. Afinal, ele queria descobrir os mistérios ocultos do mundo, e essa não é uma tarefa para amadores. No raio de luz que foi sua existência, ele nos instigou a fazer novas perguntas, nos trouxe muitas respostas e nos ajudou a entender melhor nosso universo.

As ilustrações de Vladimir Radunsky se entrelaçam no texto com maestria, transformando-se em um convite para conhecer melhor esse garotinho genialmente avoado, que até hoje nos desafia a imaginação. **CS**

O desafio de escrever uma biografia curta, para leitores iniciantes, sobre um dos maiores cientistas do século xx – Albert Einstein (1879-1955) –, sem cair no discurso estereotipado em geral utilizado na mídia para a idolatria de celebridades e também sem banalizar as questões complexas de que o cientista se ocupou, foi plenamente superado pela autora deste livro informativo, que consegue também ser poético. De forma muito seletiva são pinçados aspectos da vida de Einstein que põem em causa questões essenciais ligadas à infância e com grande poder de despertar a empatia das crianças, seja por si, seja por seu valor simbólico: o fato de Einstein demorar a falar, mas ser muito amado pelos pais; a ideia de ele ser uma pessoa bastante diferente das demais, mas nem por isso o pressionarem a ser igual a elas; sua grande curiosidade, que o levava a fazer infinitas questões para si mesmo e para os outros; sua imaginação desbragada; seu gosto pelo devaneio, pelo ócio, pela música, pela dimensão lúdica da vida; sua preferência por roupas e hábitos pouco convencionais (como vestir roupas velhas e não usar meias); sua relação especial com o tempo e com o espaço. Ao

final da obra, algumas notas da autora acrescentam informações objetivas que não puderam ser abordadas ao longo do livro e sublinham características que, segundo ela, fizeram de Einstein uma “pessoa extraordinária e fascinante”. Há ainda a sugestão de uma pequena bibliografia de livros sobre Einstein traduzidos no Brasil. Deve-se ressaltar que as ilustrações de Vladimir Radunsky – desenhos elaborados em preto, num traço rápido, sobre papel reciclado, colorizados em tom pastel e vazados num tom ligeiramente cômico – estão bem integradas ao espírito geral do texto verbal, revelando-se com certeza, atraentes para os leitores iniciantes. **JC**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO JOVEM

A sábia de Waterloo: a batalha napoleônica vista pelos olhos de uma coelha

Leona Francombe. Trad. Juliana Romeiro. Record

A Sábua de Waterloo é um livro que certamente despertará o interesse de jovens leitores, tanto pela temática quanto pela narrativa original e cativante, de tirar o fôlego. Cheia de magia e histórias, a obra de Leona Francombe aborda a clássica e cruel batalha de Waterloo, que teve como palco a antiga fazenda de Hougoumont, próxima de Waterloo, local decisivo da derrota do imperador Napoleão Bonaparte. A história é contada pelo olhar de William, um coelho branco que vive o presente, mas tem na memória as sábias lições de sua avó, dona lavanda, que nada escapa aos seus olhos e ouvidos atentos. O livro contém muitas informações, detalhes e reflexões dos personagens, o que encantará o público alvo, principalmente pelo impacto da narrativa que leva os leitores a conhecerem a história dessa batalha que mudou os destinos da Europa. O texto, bem traduzido por Juliana Romeiro, promove uma sensação ótima de leitura. Por tudo isso, a obra é merecedora do prêmio dessa categoria. **RL**

Revista pelo ponto de vista de um coelho, que vivia nas cercanias de Waterloo, o jovem leitor toma conhecimento da sangrenta batalha, que derrotou o lendário Napoleão Bonaparte. Ouvinte incansável das histórias e dos sábios argumentos

de sua avó, William, de pelagem branca com pequenas manchas negras, que o salvam de ir para o matadouro, passa – como animal de estimação – a refletir sobre a vida e suas incongruências. Além de rever as ocorrências sofridas no confronto entre os belgas e os franceses, o protagonista se dá conta, principalmente, dos desdobramentos que apesar do tempo passado, se refletem naqueles que ficaram ou que passaram a ser fruto do ocorrido. E, fica de importante, não apenas a revisão que ele faz do confronto sofrido por esses povos, mas da segunda revisão, essa da vida e dos homens que ele faz a partir da primeira. **sc**

A *sábua de Waterloo* se estrutura em torno de dois planos que se entrelaçam: o histórico e o ficcional. No plano histórico, fala da batalha de Waterloo, cujo desfecho, em 18 de junho de 1815, mudou o rumo da história europeia. No plano ficcional, temos uma fábula: as personagens são uma família de coelhos de propriedade da fazenda Hougoumont, palco da batalha, cuja memória coletiva não os deixa esquecer e ressignificar os acontecimentos vividos 200 anos antes.

Dona Lavanda é a *sábua* do título. A perspectiva com que observa a História é peculiar: analisa os acontecimentos a partir daquilo que o seu olhar alcança, as coisas pequenas (o mínimo escondido?), que escapam ao olhar do humano. Na sua sabedoria, entrelaça as reflexões sobre a batalha de Waterloo com a vida cotidiana nas costumeiras “aulas” para os seus descendentes. O que faz lembrar os antigos narradores, os anciões das comunidades, aqueles que tinham vivência e autoridade para refletir e repassar o conhecimento. E não há como não se deixar levar pelas reflexões de dona Lavanda. Mesmo que o leitor não se permita abandonar o livro sobre o colo e fazer a pausa necessária para o diálogo com o texto, neste caso, com a *sábua*, mesmo assim ele não sairá imune dessa experiência de leitura.

William era o neto-discípulo mais atento e perspicaz, o que foi “tocado” pelo conhecimento (ou o “espírito”?) da avó, daí a sua função de narrador dessa história.

Ele sai do convívio e da proteção do grupo quando é retirado da fazenda e vendido na feira da cidade. Por sorte (ou intercessão da Providência divina?), não foi servido com batatas no jantar de alguma família. Pelo contrário, a vida no novo lar lhe permitirá pôr em prática muito do que aprendeu com a avó. E como não se solidarizar com William no seu medo de ser alcançado pelas garras de um gavião? Na dúvida quanto a distinguir medo de intuição, coragem de falta de

discernimento? No seu desejo e medo quanto a avançar no gramado e ir além do conhecido? A Providência o protegeria sempre?

Essas são algumas das muitas perguntas que personagem e leitor se fazem no transcorrer da narrativa. De leitura fácil e envolvente, *A sábia de Waterloo* vai capturar os jovens que buscam na literatura não só passatempo, mas exercício de reflexão e autoconhecimento. **TP**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO JOVEM

Vango: entre o céu e a terra

Timothée de Fombelle. Trad. Maria Alice de Sampaio Dória. Melhoramentos

Boas narrativas há muitas, mas *Vango: entre o céu e a Terra* não está entre elas. O que se apresenta, na verdade, não é uma boa, mas sim uma excelente história para os jovens.

Com um enredo muito bem construído, historicamente contextualizada num período entreguerras, a narrativa é conduzida por um fio que desvela a busca da identidade desse garoto poliglota, numa vasta viagem, por diferentes territórios e paisagens.

Fluente, envolvente, intenso, *Vango* é um presente de leitura de resultado previsível: difícil não gostar! O volume 2, *Vango: um príncipe sem reino* já se anuncia. **CS**

Com uma narrativa cinematográfica, instigante e emocionante, o autor nos apresenta Vango, um misterioso jovem, poliglota, com origem indefinida e um passado obscuro, que o coloca em constante perigo. A história é pano de fundo, fruto de uma pesquisa detalhada e referências aos acontecimentos dos anos 1930. **MC**

Vango: entre o céu e a terra, de Timothée de Fombelle é uma narrativa veloz e impactante, como o é o seu protagonista, Vango, jovem de 19 anos que empreende uma fuga alucinada de inimigos sem rostos. Aventura, suspense, romance,

pululam nas 350 páginas do livro. No paratexto final ao relato, denominado “A história dentro da história”, o leitor encontra o contexto histórico da narrativa e seus principais acontecimentos entre os anos de 1918 e 1939. **ED**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO RECONTO

João & Maria

Neil Gaiman. Trad. Augusto Calil. Il. Lorenzo Mattoti.
Intrínseca

Trata-se de um conhecido conto popular – aquela das crianças abandonadas pelos pais na floresta e depois aprisionadas bruxa que mal vê. A edição é bem feita, mantém a versão original e traz ilustração provocativa. **LP**

Trata-se de uma releitura da famosa história dos irmãos Grimm com elementos peculiares aos autores. As ilustrações em branco e muito mais preto instalam o ambiente lúgubre e misterioso das profundezas da floresta onde se desenvolve a narrativa. Os elementos do clássico estão todos presentes, mas há, sem dúvida, fortes contribuições autorais. A linguagem é coloquial, mas cuidada, enriquecida por observações com toques contemporâneos segundo o espaço e o tempo. Há recursos linguísticos inovadores que mexem com a sintaxe e o léxico, mas sem a preocupação de ressaltá-los. Estão integrados ao texto. Há passagens que flertam com o gênero terror, sem concessões, mas também sem exageros no tom. A história se mantém fiel à original, porém mais desenvolvida, detalhada, impactando a narrativa. Enfatize-se que, sem as ilustrações, muito se perderia desta versão. Ao final, há a oportuna inclusão de um texto “Um conto de fadas e suas transformações” com informações necessárias e preciosas para enriquecer a leitura. **MGP**

A adaptação desse clássico d’ Os irmãos Grimm, proposta pelos autores acima, passa por situar melhor o jovem leitor ao contexto histórico e geográfico no qual ocorre a história desses dois conhecidos personagens. O frio, a floresta, as terras devassadas pela guerra e a conseqüente pobreza, advinda desse fato,

são omitidas no conto original e aqui aparecem bastante explícitas tanto no texto, como nas ilustrações escuras e carregadas de terror e tristeza. Para complementar o entendimento, como quase todos os livros híbridos hoje, não lhe bastam serem estruturados, mesclando os recursos das cores, da diagramação, do texto verbal e visual. Também esses como tantos outros nossos conhecidos, vem acompanhado ao final por um apêndice informativo, que transporta o leitor, ao final, para o real contexto do original revisitado e das transformações vividas por ele ao longo do tempo. **SC**

As desventuras e violências sofridas pelos irmãos pobres abandonados pelos pais à própria sorte na floresta, relatadas no clássico conto *João & Maria*, dos Irmãos Grimm, ressurgem na releitura de Neil Gaiman e de Lorenzo Mattoti, artista e cartunista italiano, responsável pelo projeto gráfico primoroso. A narrativa mantém-se a mesma, com pequenas alterações de estilo e a adequação à linguagem mais próxima do público pretendido. Texto e imagens, em perfeita sintonia, revelam os horrores vividos pelas personagens e recuperam nos leitores mais maduros as sensações experimentadas pela primeira vez com a história. Além do texto verbal, com linguagem apropriada aos jovens leitores, destacamos os traços e cores das imagens de Mattoti que podem ser lidas de forma independente do texto verbal, como uma graphic novel. **AM**

A obra clássica *João & Maria* é apresentada numa versão mais assombrosa, aproximando-se dos contos coletados pelos irmãos Grimm. Na história, os dois irmãos são abandonados pelos pais, mas, mesmo assim, a única coisa que desejam é voltar para casa. Após serem abrigados em uma casa feita de doces, que encontram na floresta, as duas crianças têm que se livrar de uma velha que as mantém prisioneiras. Elas vencem, com astúcia, as artimanhas da velha má que pretende comê-las. Como o mote da história é a fome, ter o que comer é a justificativa de todos os atos terríveis cometidos contra as crianças. Nesta versão, os irmãos são abandonados pelo pai a pedido da própria mãe e não da madrasta, pois eram duas bocas a mais para alimentar. Os detalhes sobre a pobreza dessa família, ou as condições pútridas daquilo que servirá de alimento para seus membros, intensificam na obra a perversidade e o grotesco das relações entre adultos e crianças. As ilustrações em preto e branco da floresta representam uma escuridão que parece engolir as crianças, aumentando a tensão provocada pelo texto verbal. A ideia de um reconto que dá um tom assombroso para a narrativa e

constrói uma identidade cruel para os personagens adultos oportuniza ao leitor uma nova leitura do clássico da literatura mundial. O livro é recomendado ao Prêmio Anual da FNLIJ, na categoria Reconto, com 30 pontos. **GPELL**



PRÊMIO FNLIJ
ESCRITOR(A) REVELAÇÃO

Malala, a menina que queria ir para a escola

Adriana Carranca. Il. Bruna Assis Brasil. Companhia das Letrinhas

Em seu primeiro livro, a autora com vastas experiências em cobertura jornalística sobre conflitos, se destaca como escritora com a excelente obra Malala; A Menina que queria para a escola, tanto pela linguagem simples e atraente, como pela temática abordada com informações interessantes para o público alvo. **RL**

Com uma linguagem simples e descontraída, própria dos jornalistas, Adriana Carranca apresenta a história de Malala em tom de reportagem de viagem, seu olhar está sempre voltado para os problemas sociais do mundo, aqui com destaque para a discriminação contra as meninas e as mulheres no Paquistão. Outro fator ressaltado nesse livro é a valorização do estudo, da leitura e da educação. Viajar até o Paquistão, conhecer o vale de Swat foi uma experiência proveitosa para a escritora/jornalista que resultou neste cativante livro. **NS**

A jornalista Adriana Carranca conseguiu mesclar, neste livro, linguagem jornalística e tom literário para contar a história da jovem Malala: sua luta, seu sofrimento, o que houve no seu país, o Paquistão. O mérito está em seduzir o leitor com uma linguagem fluida, que nos transporta para o Paquistão e nos faz tentar entender como esse país mergulhou num momento tão tenso e violento capaz de articular a tentativa de assassinato de uma adolescente cujo discurso pregava algo tão simples - e, por isso mesmo, revolucionário: o direito de crianças e jovens, meninos e meninas, frequentarem a escola.

Outro aspecto que merece destaque nessa obra é o relato da própria aventura da autora, que viajou para o Paquistão apenas um mês após o atentado contra Malala. As dificuldades de comunicação, o perigo de ter seu material confiscado pelos talibãs e o medo de sofrer alguma violência se misturam aos relatos sobre a alegria encontrada nas brincadeiras dos pequenos paquistaneses, à recepção calorosa e gentil das pessoas que a acolheram, à emoção de encontrar as amigas de Malala, também vítimas do atentado, todas vivas e esperançosas de que um dia a violência dos talibãs termine.

Esse livro é fundamental para crianças e jovens de todas as idades não somente entenderem como é o ofício do jornalista, que deve tratar com respeito e seriedade os fatos que narra, mas também para compreenderem que o discurso do ódio não deve prevalecer nunca. **LWS**

Adriana Carranca, jornalista que escreve principalmente sobre conflitos, intolerância religiosa e direitos humanos, surpreende leitores de todas as idades neste seu texto de estreia em literatura para crianças e jovens.

Seu olhar sensível e apurado de jornalista que esteve no Vale do Swat, no Paquistão e ao mesmo tempo um olhar curioso de quem vivenciou experiências incríveis na cidade de Mingora e conversou com seus habitantes, conhecidos e amigos de Malala fornecem um bom material para contar de um novo jeito, uma história já contada- a vida de Malala, cuja força não estava na espada e sim na caneta.

A linguagem clara e cativante de Adriana Carranca faz-nos esperar desde já por uma nova obra. **MB**



PRÊMIO FNLIJ
ILUSTRADOR(A) ILUSTRAÇÃO

Cavalos da chuva

Cadão Volpato. Il. Felipe Guga. Cosac Naify

Capas de revistas e fotografias antigas foram utilizadas neste trabalho surrealista de Felipe Guga. Oito cartões postais com fotos de crianças, cavalos e flores

remetem a um tempo passado e foram anexados à capa do livro, conferindo-lhe um toque inovador em termos de ilustração. **NS**

As ilustrações de Felipe Guga para o livro *Cavalos da chuva*, de Cadão Volpato, para a Cosac Naify, apresentam, além do inegável valor artístico decorrente da técnica empregada – colagem de imagens de revistas dos anos 50, 60 e 70 –, em perfeita harmonia com os elementos da narrativa, um modo extremamente original de inserção na obra. As ilustrações não aparecem no miolo do livro, mas em forma de cartões postais (o8), numerados conforme a sequência narrativa e inseridos nas orelhas da capa e da contracapa. **AM**



PRÊMIO FNLIJ
A MELHOR ILUSTRAÇÃO

Haicais visuais
Nelson Cruz. Positivo

Haicais visuais (Ed. Positivo), de Nelson Cruz, é um livro de imagem que intertextualiza com quadros de pintores famosos, como Van Gogh, Magritte e até faz alguma associação com a literatura. Haikai é um poema curtinho, de origem japonesa, que se coaduna muito bem com as ilustrações deste livro que é uma viagem por paisagens e que leva também o leitor ao sonho. **NS**

As imagens de Néelson Cruz, de rara qualidade estética, têm movimentos e cores capazes de agradar a leitores de todas as idades e estabelecem conexão perfeita entre os versos e as imagens, traduzindo os sentimentos do poeta/ilustrador/pintor, em temas que tratam de elementos da natureza, da esperança humana e do direito ao humor, diretamente para o receptor. **AM**

O livro apresenta ilustrações muito criativas, com soluções inusitadas para um trabalho que se propõe a compor haicais através de imagens. O jogo de formas e tons suscita sentidos novos. Aliás, as imagens evocam a poética verbal, simulando as transformações por que passam os versos, aqui transformados visualmente em cenas e personagens. Por esses aspectos, a obra oferece uma

experiência desafiadora ao leitor, convidado a viver a aventura da leitura de modo prazeroso e lúdico. **VA**



PRÊMIO FNLIJ GLÓRIA PONDÉ
O MELHOR PROJETO EDITORIAL

Inês

Roger Mello. Il. Mariana Massarani.
Companhia das Letrinhas

Com capa dura, em vermelho forte, e folhas de guarda com imagens a bico de pena em preto, o livro tem papel de altíssima qualidade, gramatura excelente, em páginas de diferentes cores, com imagens cujas tonalidades refletem o estado de espírito da personagem. O formato paisagem do livro também é um convite à leitura. O projeto editorial completa-se com um paratexto – assinado por Lilian Moritz Schwarcz – que contextualiza os fatos e explica a expressão “Inês é morta”, desconhecida para muitos que dela fazem uso. **AM**

Roger Mello faz da personagem Beatriz, a filha de Inês de Castro e Pedro, a narradora da história, desde quando “ela ainda não era uma vez”. Com leveza, pela voz de uma criança, o leitor vai conhecendo e se emocionando com esta triste e bela história de amor.

As ilustrações de Mariana Massarani, com seu traço firme, suas cores suaves e contornos nítidos imprimem mais leveza e um tom de ludicidade ao texto. A alternância das imagens que ocupam páginas inteiras com outras que iluminam singelamente os textos propiciará, com certeza, outra leitura, outra viagem no tempo e espaço. Destaque-se o modo como a artista expressa sentimentos dos personagens como, por exemplo, quando “o cavalo de Pedro sorriu para o capim” ou a morte de Inês ou sua coroação após a morte.

A Editora Companhia das Letrinhas faz de *Inês*, pelo cuidado com a sua produção, pela encadernação e pela capa dura que guarda tão precioso texto, o melhor projeto editorial de 2016. **MB**

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abacatte Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofícios Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Difusão Cultural do Livro Ltda; Doble Informática Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed. Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora GHV Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan Ltda; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Mediação Distribuidora e Livraria, Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda – EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Florescer Livraria e Editora Ltda; Frase e Efeito e Editorial Ltda; Fund. Cult. Casa Lygia Bojunga Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Hedra Educação Ltda; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; Price Waterhouse e Coopers/Audit; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; RHJ Livros Ltda; Rovelle Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva S/A Livreiro e Editores Ltda; SDS Editora de Livros EIRELI, Sesi Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Vergara & Riba Editora; Texto Editores Ltda – Leya; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

GESTÃO FNLIJ 2014 – 2017

CONSELHO CURADOR: Celia Portella, Christine Fontelles, Guilherme Zincone, Laura Sandroni, Leonardo Chianca e Wander Soares.

CONSELHO DIRETOR: Ísis Valéria Gomes (Presidente), Marisa de Almeida Borba e Daniele Cajueiro.

CONSELHO FISCAL: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Célia Vasconcelos Lemos.

CONSELHO CONSULTIVO: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bia Hetzel, Eduardo Portella, Eny Maia, Ione Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Maria Bernadete Boff, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Silvia Gandelman.

SUPLENTE: Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Roberto Leal.

SECRETÁRIA GERAL: Elizabeth D'Angelo Serra.



FNLIJ
DESDE 1968

**Fundação Nacional do Livro
Infantil e Juvenil**

Rua da Imprensa, 16 sl. 1212
cep: 20030-120

tel: 21 2262-9130

fax: 21 2240-6649

e-mail: informacao@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

A Biblioteca FNLIJ disponibiliza as informações de seu acervo de livros de literatura infantil e juvenil, publicados no Brasil, sendo permanentemente atualizada, com a produção brasileira de literatura para crianças e jovens, enviada pelas editoras para a FNLIJ, incluindo informativos e teóricos sobre literatura infantil e juvenil, leitura e áreas afins.

Atualmente a Biblioteca FNLIJ possui um dois maiores e mais importantes acervos de livros de literatura infantil e juvenil do país, com mais de 50 mil exemplares. As informações estão disponibilizadas para consulta, por meio do sistema *Pergamun*, no site da instituição, através do link: <http://biblioteca.fnlij.org.br:81/pergamum/biblioteca/>

Biblioteca FNLIJ



CAIXA

